

Brasil se impõe na discussão

SANTIAGO – Ao lado dos Estados Unidos e do Canadá, o Brasil foi o país que mais se impôs nas negociações para o plano de ação da II Cúpula das Américas, que reúne em Santiago 34 países americanos. Quando os Estados Unidos sugeriram que a globalização deveria representar mais negócios, o Brasil acrescentou: “Globalização com negócios e maior criação de empregos.” Responsável pela introdução do item *Preservação e fortalecimento da democracia e dos direitos humanos*, o Brasil sugeriu a inclusão do combate ao trabalho infantil no rol de direitos dos trabalhadores, registrado na Organização Internacional do Trabalho (OIT). “A integração não pode ser refém de projeto de comércio, porque a integração é um projeto mais amplo”, ressaltou o presidente Fernando Henrique, através dos diplomatas, na fase de negociações.

Aqui, os presidentes da Cúpula firmarão compromissos de maior rigor em questões como o financia-

mento de campanhas eleitorais, o controle de armas ilegais e o combate conjunto ao narcotráfico – antes em poder dos Estados Unidos –, além de regras para acordos de telecomunicações e infra-estrutura. Nesses itens, aliás, o Brasil negociou cada palavra com os norte-americanos e os canadenses, já que era preciso chegar a um consenso que agradasse a todos. No fim, fizeram um texto genérico, dividido em quatro itens – educação; democracia e direitos humanos; integração econômica e livre comércio; e erradicação da pobreza.

No *Plano de Ação* – documento de 40 páginas, que o **JORNAL DO BRASIL** examinou antecipadamente e será assinado amanhã pelos presidentes –, fica claro, como confirmou um diplomata brasileiro, que sem o *fast track* (via rápida) os Estados Unidos ficaram mais humildes, abrindo espaço para avanços conjuntos em setores como o social e o de combate às drogas. “Da primeira cúpula (Mia-

mi, 1995) para esta, houve uma mudança: os Estados Unidos não estão mais propondo negociações de suas próprias propostas, mas estão abertos às nossas sugestões”, comentou um diplomata brasileiro. “Não estamos indo mais a reboque deles”, concluiu.

No documento, os norte-americanos sugerem que entre imediatamente em vigor o acordo sobre o tráfico ilegal de armas e explosivos, assinado no ano passado, na **Organização dos Estados Americanos** (OEA). Mas como a superpotência foi apontada como o país que detém o maior número de armas *per capita* no mundo, Fernando Henrique propôs ao Mercosul ampliado (Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile e Bolívia) a assinatura de uma declaração nos mesmo termos. O objetivo principal, como confirmou o embaixador Adhemar Bahadrian, coordenador brasileiro na Cúpula das Américas, é reduzir a quantidade de armas no Rio de Janeiro. (M.C.)